

Publica-se
a um e quinze
de cada mêsMínimo de assi-
natura: 5 núme-
ros, 5 escudos.
(Pagamento
adiantado.)Visado pela
Comissão de
Censura

SOL

mascente

quinzenário cultural de literatura e crítica

Antologia

(Continuação da página treze)

pela psicanálise, único meio actual capaz de mergulhar no inconsciente do individuo e de refazer-lhe o Super-Ego, isto é, de reconstruí-lo na capacidade de adaptação. Tudo isso se faria, porém sem a perda do contacto com a sociedade: a principio, a sociedade viria até o paciente, no seu isolamento relativo; depois, este iria, periódicamente, ao contacto do meio externo, até a perfeita readaptação. E' o que fazemos hoje, nos manicómios, no regimen do *open door*. Seria também, para o regimen penitenciário, a «porta aberta».

—E as evasões? Como evitá-las?

—Evade-se o encarcerado: não se evade o homem que está aprendendo a gosar da sua liberdade, a não ser que seja um doente; mas a estes, a hospitalização e o tratamento. O *sursis* e a liberação condicional provam que é possível ter criminosos em liberdade. Contam-me que, numa vila do Norte, por escassez da verba de alimentação, o carcereiro não achara outra solução que permitir aos presos a saída, para que trabalhassem e se sustentassem. Esses homens voltavam, a certa hora da noite, para dormir no cárcere. Certa noite, como houvessem recolhido alguns mais tarde do que o permitido, advertiu-os o carcereiro:—«Amanhã, vocês chegarem depois das nove horas, fecho a porta e deixo-os na rua!» Esse simples, rude carcereiro do sertão, compreendia que a liberdade concedida aos seus presos não os impedia de considerar a dormida no cárcere uma garantia que ainda lhes dava o Estadio. Esse será o modelo grosseiro duma organização futura de regeneração e de readaptação.

Qu? boa ideia!

Se há os diários que são conspícuos na sua gravidade, solenes e doutorais, há outros cómicos nos seus *fait-divers* irritantes, nas reportagens de arripiar, nas empoladas e garbosas entrevistas, nas suas críticas, no seu todo. Mas este, o nosso popular *Noticias*, que belas ideias êle tem, tão louváveis, simpáticas, generosas, sempre pronto a acarinhar o povo, adorar os humildes, a adular os pobres, contanto que pobres, humildes e povo comprem, ao romper do dia, as oito páginas da sua prosa garrida, de bom sabor e popular escrita. O que haveria a dizer, santo Deus, sobre estas coisas tôdas!—sobre as costureiras formosas e os seus concursos de formosura, os ranchos populares e as suas tristes exhibições, sobre as pobres rainhas de beleza duma beleza duvidosa! Como seria história longa e como poderíamos vêr, na trama descoberta duma aparência de amor apostólico pelas coisas chôchas dos humildes, a ganhuça voraz de mais, mais leitores, daquêles que pagam quarenta centavos. Enfim, tristezas!... Mas o nosso *Noticias* ainda a louva o heroísmo dos valentes lobos do mar, a ousadia e a audácia daquêles que, num momento de perigo, se aproximaram dum pobre naufrago e lhe deitaram a mão salvadora. Linda ideia!... E os heróis lá vão diante dos bondosos redactores dizer tôda a história das suas façanhas altruistas, narrar, para que todo o mundo saiba—na sugestão, porque não dizer torpe?, da letra de forma que corre o mundo

todo—a tola vaidade dum feito que só é belo, profundamente moral, numa compreensão muito perfeita do discreto e do humilde. O *Noticias* popular e generoso vai colocar medalhinhas nos peitos dos herois e vai fazer com que nasça, na cabeça de alguns, a ideia azeda das vaidadezinhas e das invejas. E como publica os retratos, alguns gostariam de ser *cinéfilos*, para agradecer em tudo às graciosas moçoilas, já que o seu acto valente delas prendeu a atenção e a espiritual simpatia... Pobre grandeza de altruismos espontâneos! Como a publicidade te macula, enegrece e desfeia!

"Raparigas",

de Montheclan e raparigas de New-York

Se dissermos que a cultura dum povo necessita de maneira acentuada da colaboração feminina, afirmamos uma verdade consabida e talvez ridícula, mas nem por isso inoportuna e sem qualquer vislumbre de utilidade para os tempos que correm. As qualidades supremas do feminino ainda são dotes preciosos na edificação duma cultura autêntica, porquanto o sentido contínuo e vigilante da mulher, a sua pronunciada tendência para o justo e para o recto, a maneira serena de comportamento, a aguda visão das realidades, o senso objectivo, são ainda qualidades primordiais que não podem ser desprezadas, sem grave prejuizo no equilibrio

necessário, em qualquer momento social. Só os falhados romances de antanho nos poderão apresentar a mulher como impenitente sonhadora, romântica e chorosa, quando na realidade, embora sofredora, horrivelmente ferida por fatalismos das suas entranhas, ela encara a existência mais terra a terra, naturalista, mais sorvendo a selva da vida material. E' talvez esta preciosa condição seu trabalho no mundo da cultura, porque está—quem que torna muito necessário o sabe?—mais propensa a desempenhar com aquêles sentido de atenção preciso certos ramos do esforço mental e a levar muito da sua natureza e do conhecimento de si ao mundo duma actividade de investigação e de análise.

Montherland, traçando as silhuetas quasi trágicas das suas *Raparigas*, dá-lhes um vinco profundo de verdade amarga. Elas têm naquelas páginas trespassadas de pungente ironia, a imagem feitiçeira da própria dor, que o subtil, o venenoso desejo, pintou assim, para se mostrar mais belo. Mas as *Raparigas* de Montherland são a loucura exacerbada e umas pobres simultaneamente iludidas e desiludidas; não são as satisfeitas e gaiatas *dactilógrafas* dos arranha-céus de New-York, que nós vemos no cinema expeditas nos negócios, nos folguedos e nas aventuras.

Tipos de mulheres, talvez tipos de civilizações, umas mórbidamente insatisfeitas, outras risonhas, na sua alacridade e felicidade. A cultura feminina, e talvez só ella, nos poderá dizer muito do abismo que parece separar umas das outras.